

A promotora de Justiça carioca e responsável pelo caso Fernandinho Beira-Mar, Márcia Velasco, esteve no Espírito Santo e disse que o enfrentamento entre facções criminosas e a polícia, como vem ocorrendo nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, revelam que o País vive uma verdadeira guerrilha urbana.

O fim desse problema, segundo a promotora, depende exclusivamente de duas vertentes. "Precisamos implantar programas de prevenção e repressão. Programas de prevenção sérios e uma repressão com inteligência e bastante seriedade", ressaltou.

Márcia Velasco veio ao Estado participar do seminário "Brasil contra o Crime - Atos e Dispositivos Jurídicos de Combate à Corrupção e ao Crime Organizado", realizado de quinta-feira até ontem na área de eventos do Shopping Praia da Costa.

A Tribuna - Qual é a importância de seminários como este sobre crime organizado?

Márcia Velasco - Eu acho que o Brasil tem de discutir e tratar desse assunto de uma forma muito séria. Estes eventos são acima de tudo muito importantes porque, além de conscientizar as pessoas que participam sobre a atual situação do País, eles também fazem com que a gente possa trocar informações e experiências, e isso é muito importante. É fundamental que estas iniciativas sejam prestigiadas e ocupem todos os estados do Brasil.

- Qual foi o tema abordado na sua palestra?

- Primeiro eu preciso dizer que atualmente exerço minhas funções no Rio de Janeiro. Eu sou promotora de investigação penal e atuo com cinco delegacias especializadas: a Divisão de Repressão ao Crime Organizado, Divisão de Repressão a Armas e Explosivos, Divisão Anti-Seqüestro, Corregedoria de Polícia e Divisão de Homicídios Especiais.

Eu participei durante dois anos e meio também da Força-Tarefa Nacional de Combate ao Narcotráfico, que atuou junto com a Polícia Civil e a Polícia Federal. Nós investigamos como alvo primeiro Luiz Fernando da Costa, conhecido como Fernandinho Beira-Mar.

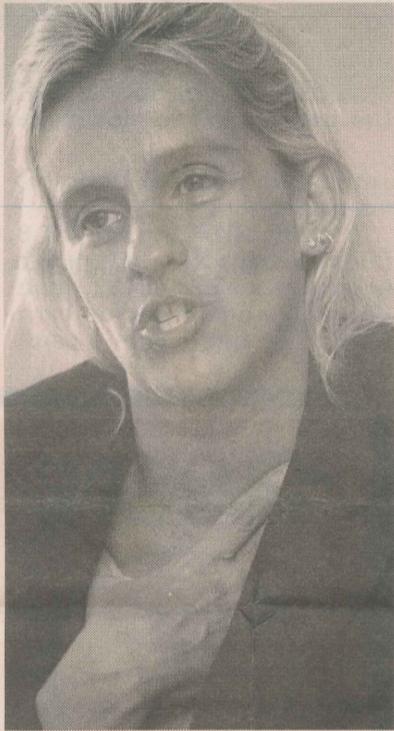
Eu faço na palestra uma abordagem da experiência deste trabalho e também da experiência que hoje continuo exercendo na minha promotoria.

- Como foi o combate à organização criminosa do Fernandinho Beira-Mar? A quadrilha foi desbaratada?

- Foi uma experiência enriquecedora, com muita dificuldade quando se trata do combate à criminalidade organizada, porque você está mexendo com um poderio econômico muito grande. Mas acima de tudo eu não posso afirmar se foi desbaratada. Eu não acredito que tenha sido. Nós temos hoje problemas

Promotora diz que País vive guerrilha

“No Brasil nós estamos vivendo um momento que eu acredito seja de organizações criminosas que estão agindo entre estados e países. Então não há como abstrair que isso não esteja ocorrendo no Espírito Santo”



SAIBA MAIS SOBRE O NARCOTRAFICANTE

- O narcotraficante Luiz Fernando da Costa, o Fernandinho Beira-Mar, nasceu e foi criado em Caxias, baixada fluminense, e desenvolveu suas atividades por todo o País. Depois foi para o Paraguai, se uniu às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e conseguiu entrar firme no contrabando de cocaína e tráfico de armas.
- Hoje ele tem mandados de prisão na Colômbia, no Paraguai, nos Estados Unidos e vários no Brasil. Inclusive, ele está enquadrado na lei dos chefes internacionais que são inimigos dos Estados Unidos por crime con-

tra a população americana, estando denunciado também lá por tráfico de drogas.

- Conseguiu estender a sua rede e ser um traficante conhecido como narcotraficante internacional.
- No dia 27 de fevereiro deste ano, Fernandinho Beira-Mar foi levado para o presídio de segurança máxima Presidente Bernardes, que fica a 589 quilômetros a oeste de São Paulo.
- O presídio de Presidente Bernardes é considerado pela polícia uma instituição modelo e à prova de fuga.
- Na cadeia paulista, Beira-Mar per-

deu regalias que desfrutava no Rio, onde estava preso anteriormente. Além de contar com um sistema de bloqueadores de celulares, o presídio mantém o preso isolado praticamente durante todo o dia.

- Visitas íntimas também não são permitidas, além de não haver acesso para os presos a jornal, revista e televisão. Vinte e seis câmeras vigiam os detentos durante 24 horas.
- Depois disso, Beira-Mar chegou a ser transferido para Maceió, mas pouco tempo depois voltou para Presidente Bernardes.

com facções criminosas e com o narcotráfico, mas foi uma experiência enriquecedora já que foi um trabalho onde fomos buscar ajuda em vários estados do Brasil e em outros países como Colômbia, onde eu trabalhei durante dois anos com a inteligência da Polícia Nacional Colombiana, e também com o Paraguai.

- O Beira-Mar tem de fato todo este poderio econômico e paramilitar que lhe é atribuído?

- Eu não gosto muito de estabelecer critérios de comparação. Eu acho que não se deve supervalorizar, em se tratando de criminalidade organi-

zada, uma escala de degraus de quem é mais importante.

- Depois de preso, Beira-Mar criou tantos problemas quanto antes. Como a senhora vê hoje o nosso sistema prisional?

- A ida de Fernandinho Beira-Mar, em março de 2002, para a penitenciária de Bangu I foi, na minha opinião, um desastre para o Rio de Janeiro. Este trabalho, inclusive, foi feito por uma grande amiga e promotora, a doutora Valéria Videira, que monitorou as atividades, o que foi divulgado nacionalmente. Na época, mostrou-se que ele estava comprando até mísseis e também comandando as atividades de

dentro do presídio.

Eu acho que foi nefasto e acredito que não adianta prender e não tirar de circulação. Hoje a situação dos presídios do Rio de Janeiro vem se modificando. Assumiu como secretário de Administração Penitenciária um colega promotor de Justiça, doutor Astério Pereira dos Santos, que está fazendo um trabalho sério para evitar que isso aconteça.

Mas, acima de tudo, eu acho que isso é fruto também de um descaso de anos do País para com a questão de presos que têm de ficar em presídios de segurança máxima federais.

E se pararmos para avaliar não temos estes presídios até hoje.

- Nas investigações que a senhora conduziu foram encontradas conexões de outros estados com o Espírito Santo?

- O que posso dizer é que esta experiência revela que o problema do narcotráfico, do contrabando de armas e do crime organizado não é regional. Ele é hoje um problema nacional. Os crimes são interestaduais e transnacionais e, por isso, eu acho que eles têm de ser encarados desta forma.

Quanto ao trabalho do Beira-Mar nós chegamos a seqüestrar alguns bens aqui no Espírito Santo de testas-de-ferro que ele tinha aqui. Agora o importante é saber que no Brasil nós estamos vivendo um momento que eu acredito seja de organizações criminosas que estão agindo entre estados e países.

Então não há como abstrair que isso não esteja ocorrendo no Espírito Santo, em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Eles estão num intercâmbio muito grande.

- O que foi feito dos bens do Beira-Mar?

- A ação cautelar de seqüestro de bens ainda está em trâmite. Quase que a totalidade dos bens seqüestrados não estavam em nome dele, estavam em nome de terceiros. A ação está em andamento ainda porque foram muitos imóveis e veículos, mas felizmente nós estamos conseguindo ganhar estas ações.

Algumas pessoas embargaram, outras não embargaram e sequer apareceram.

- O Ministério Público tem idéia de quanto é movimentado por ano pelo tráfico de drogas no País?

- Eu não posso afirmar quanto isso gera. Eu não tenho esta avaliação para fazer porque nós temos várias facções criminosas. Só no Rio de Janeiro, por exemplo, temos o Terceiro Comando, o Comando Vermelho (CV) e o Primeiro Comando da Capital (PCC) em São Paulo, interligados.

Então fica muito difícil fazer esta avaliação, mas sabe-se que é um montante muito grande de dinheiro que é lavado e remetido para fora do País ou aplicado em imóveis e outros bens aqui no Brasil.

- Como a senhora vê o enfrentamento destas facções com a polícia, como temos visto no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde policiais estão sendo assassinados?

- Eu vejo isso como um indício de que não estamos num caminho muito bom. Acho que são atos a despeito de... Eu não gosto muito de fazer essa distinção entre as pessoas que estão aprisionadas na favela pelos traficantes e estes atos que são praticados.

Mas sem dúvida alguma é um desafio ao poder público. Eu costumo usar a expressão de que considero que eles passam indícios das práticas de um precedente terrível, que seriam atos de verdadeira guerrilha urbana no Brasil.